

RELATOS SOBRE A PENHA: A FESTA PELOS OLHOS DE OLAVO BILAC

Aluna: Luana Mayer de Souza
Orientadora: Eunícia Fernandes

Introdução

Na pesquisa que venho desenvolvendo através das atividades do PET-História procuro compreender os valores e as experiências sociais da cidade do Rio de Janeiro no começo do século XX, através das festas populares. O presente trabalho é fruto de uma das atividades desenvolvidas no PET: o projeto artigo, no qual analisei a festa da Penha, considerada tradicional da cidade, que passava por transformações modernizantes. A modernidade apregoada por uma elite política e cultural alegava que a cidade não tinha mais espaço para tradições que remetiam a desordem e ao atraso, tal como a festa da Penha, na visão deles.

A festa da Penha no início do século XX, comemorada na cidade do Rio de Janeiro era considerada uma das maiores festividades populares. Durante os domingos do mês de outubro, multidões de romeiros acorriam para o arraial da igreja da Penha pagar suas promessas à santa pela manhã e depois à tarde, celebrá-la no arraial da igreja, que tinha inúmeras barracas de bebida e comida, com direito a música e dança. Porém, junto à celebração era freqüente ocorrer confusão entre os romeiros e não era raro ver nas páginas dos jornais de segunda, manchetes com os crimes e confusões ali ocorridas. Os freqüentadores e as confusões incomodavam Olavo Bilac, que considerava a festa como uma afronta a civilização.

Bilac considerava a festa um símbolo do atraso, uma tradição que se escondia na religião para permanecer existindo. Numa analogia entre a festa e as antigas orgias da Idade Média e dos bacanais romanos, comparando os romeiros aos escravos e à plebe. Podemos perceber nessa analogia o que incomodava ao cronista: os freqüentadores, sua origem social e sua raça. Apesar de ser de tradição católica portuguesa, ou seja, de matriz européia, a predominância era de negros e mestiços, muitos trabalhadores entre os mais pobres da sociedade.

Objetivos

O investimento em leituras, resenhas e produção de textos sobre as festas populares e, agora especificamente sobre a Festa da Penha se desenvolve em função de meu tema de monografia, deste modo, o artigo que mais detalhadamente apresento aqui é uma parte da pesquisa pretendida.

A partir da crônica de Olavo Bilac sobre a festa da Penha publicada na revista *Kosmos* de outubro de 1906, o artigo busca compreender o papel da mesma no Rio de Janeiro do começo do século XX, acreditando que ela possuía elementos que não se adequavam aos modelos civilizacionais apregoados por certos intelectuais, ou melhor, certa elite da Primeira República. A articulação entre modernidade e tradição também está sendo analisada no artigo.

Metodologia

Compreendendo as festas a partir do conceito do historiador inglês Edward Thompson, “cultura como uma arena de conflitos sociais” [1], procuro estabelecer uma análise na qual a festa seria um espaço de construção de diferentes identidades sociais, devido aos contrastivos grupos sociais que a freqüentavam, como os trabalhadores e famílias tradicionais, entre outros tantos. Como o objeto de análise é uma festa religiosa - a festa de

Nossa Senhora da Penha, realizada por uma e em uma igreja -, busco compreender a partir da crônica de Bilac [3] sobre a festa, como a religiosidade popular é praticada na cidade [2], e como um espaço dito sagrado - a igreja - não antagoniza com o profano - as festas à tarde no arraial. Utilizo como fonte uma das crônicas que Olavo Bilac escreve sobre a festa da Penha no começo do século XX.

Conclusão

De acordo com as pesquisas realizadas até agora, a Festa da Penha se apresenta como um importante espaço informal de sociabilidade, pois diferentes grupos sociais comunicavam-se, trocando e negociando valores e experiências, construindo assim as diferentes identidades sociais, com a participação ativa dos sujeitos que a freqüentavam. A Festa, mesmo sendo considerada bestial pelo cronista, estava plenamente inserida na modernidade, dialogando com a cidade e seus habitantes, inclusive com o próprio cronista.

Referências:

- [1] THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras 1998.
- [2] ABREU, Martha. **O Império do Divino – Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- [3] BILAC, Olavo. “Chronica” In: **Kosmos**. Rio de Janeiro, out. 1906, ano III.